

DEUS EX MACHINA: DA MODERNIDADE BÉLICA AO HOMEM-MÁQUINA

Luigi de Carvalho Caruso*

André Monteiro Guimarães Dias Pires**

RESUMO: A imaginação técnica nas vanguardas ampara concepções distintas, mas é com o fim da modernidade que ela chega ao seu grau mais radical. Este trabalho delinea um percurso entre dois movimentos do início do século passado, o futurismo e o cubofuturismo, até o momento da interiorização da máquina pela virtualização da economia no neoliberalismo dos anos setenta.

Palavras-chave: Futurismo. Vanguarda. Técnica. Política. Digital.

Introdução

O Manifesto Futurista foi a primeira emancipação moderna que se desprenderia em definitivo do Simbolismo francês. Também foi a partir de Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944) que o século XX tomou velocidade no ideário progressista marcado tanto pelo Positivismo quanto pelas correntes que já então viam na ascensão do “industrialismo”, o início de uma fase mais truculenta das relações de trabalho e de vida. No ano de 1977, a lacuna deixada pelos eventos que sucederam o Maio de 68 francês dá espaço para o surgimento do ciberespaço e do cibertempo; a virtualização da humanidade revela a efetuação de um antigo projeto, e a ruminância de um pós-evento na qual a espera se fixa: o futuro é o agora mas não sabemos o que é o futuro.

A reação cubofuturista deu cabo a uma série de questões ainda antagonizadas sob o princípio dual das narrativas em voga. Mais do que isso, Velimir Khlébnikov (1885-1922) e Vladimir Maiakóvski (1893-1930), apenas para citar os nomes de maior destaque, sobreviveram à passagem da revolução bolchevista mas não à instituição da Nova União das Repúblicas ou à *Novaya Ekonomiceskaya Politika* (NEP), que inauguraram o que viria a se tornar a principal potência tecnológica da modernidade, junto à máquina estadunidense. A coletivização a partir de 1921 teve como motriz a introjeção de capital estrangeiro para reestabelecer a economia até então desestabilizada do país; na junção de forças para efetivar o Estado soviético, parte considerável do “corpo-político” que acompanhou Outubro de 1917 entrou em processo de disjunção, e com ela o cubofuturismo teve que lidar com as adversidades da nova forma de organização.

Com o desmantelamento do otimismo tecnológico e da oposição estrita entre direção teleológica unitária (socialismo) e posição teleológica individual (capitalismo) (LUKÁCS, 2011), já na segunda metade do século XX, o plano real das relações seria diretamente implicado na concepção de futuro. Para a teologia, o futuro era a Queda, para o humanismo o progresso e para o hegelianismo era a realização da identidade entre Razão e Realidade; agora este porvir, este rumor de porvir, estaria dado à impossibilidade prática de aplicação dos termos de um projeto na dimensão concreta da vida. O *No Future* dos Sex Pistols não era mais uma

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bacharel em Ciências Humanas e pós-graduado pelo programa da Faculdade de Filosofia pela mesma instituição. Publicou mais recentemente trabalhos pela *Darandina Revisteletrônica* (2019) e pelo Portal Mallarmargens (2020 e 2021). E-mail: lcaruso22@hotmail.com

** Professor Associado da UFJF e escritor. Publicou, entre outros, os seguintes livros: *Ossos do ócio* (Cone Sul, 2000), *Cheguei atrasado no campeonato de suicídio* (Aquela Editora, 2014), *Uma prosa de Sócrates* (Macondo Edições, 2016), *Inacreditáveis: assovios antropopáicos* (Editora Raquel, 2016), escrito em parceria com Roberto Corrêa dos Santos, *Romance de Asilo* (Editora Circuito, 2019) e *Nossa casa sem paredes: ensaios de existir* (Editora da UFJF, 2021). E-mail: duidimonteiro@gmail.com

revolta romântica fora de tempo, mas o diagnóstico preciso de um fim anunciado (BERARDI, 2019).

O futuro manifesto de Marinetti

Não há uma substância reconhecível que nos indique o que é realmente o “presente” de hoje. Daí que não há também historicidade possível que capture o sentido deste tempo, reino das velocidades que se atravessam sem o que antes definiríamos por “propósito”, “causa” e “princípio”: “[...] o desafio do contemporâneo talvez seja o de não se deixar embalar pela crença na pluralidade, na multiplicidade ou na heterogeneidade realizada e sem conflito. Ou seja, na diversidade sem impasse, sem cisma, sem alteridade. (SISCAR, 2016, p.439, 440).

Que assim seja, ao menos é dado perceber que a insurgência da atualidade não é inaugurada pela obra das forças “dadá” da aleatoriedade, do acaso abismal no qual não podemos aferir a sua profundidade. Walter Benjamin (1892 – 1940) já havia remontado a transição que afetaria os modelos épicos da narrativa com o surgimento do romance. Com a ascensão da burguesia e a operacionalização da ideologia ainda bastante “industrial”, a comunicação chegou ao seu nível mais distributivo com o acontecimento-imprensa. O que era relato fantástico na literatura faliu quando no mundo concreto das relações uma nova dimensão exigia a objetividade informativa; nas cidades era a plausibilidade que conferia validade à palavra. Não à toa a psicologia representava um atraso diante da experiência do Real positivo; aquele narrador clássico carregado de impressões tornou-se verdadeiro *persona non grata* para o novo plano de organizações do Positivismo.

Foi com o advento da psicanálise freudiana que o inconsciente tomou lugar na vida pública, mas era ainda um inconsciente balizado no segredo familiar (representado no teatro edípico), de modo que o próprio mundo da cultura havia se tornado aos poucos uma espécie de ermo interligado à permanência da civilização em sua negatividade, isto é, de modo que é na ordem social que se manifestaria os principais sintomas da contradição de época. Ainda que o mundo agora tivesse se clarificado na sua incapacidade de ser somente “o que é”, o suporte científico e técnico significou a continuidade da separação de dois problemas: aqueles que são da ordem da análise, isto é, que se orientam pelo trabalho clínico; e aqueles que são da máxima recusa, que exigem então a intrusão do policial, do médico e do vigilante. Talvez o que aqui nos interesse, pela direção, seja a ideia da existência de uma dialética da civilização no período que antecede a disseminação das vanguardas. Em “Eros e Civilização” (obra já “pós-industrial”), o Progresso cresce proporcionalmente ao crescimento da culpa (MARCUSE, 1968): as máquinas externas, isto é, os grandes parques industriais, são complexos que se abastecem de alguma força interior (“libidinal”) do trabalhador. O trabalho fica à mercê de uma mais-valia relativa e, posteriormente, de uma mais-repressão. É a partir do clima gerado pela energia automotiva e mecanizada das fábricas, da fonte externa independente, que o Futurismo lançará suas investidas no novo século.

O Futurismo nasceu na França, mas era na Itália que projetava realmente a sua influência cultural. De alguma maneira, também não é ao acaso que este grupo tenha centrado a primeira publicação do Manifesto Futurista em Paris: era uma vanguarda ávida por golpear o *flâneur* baudelairiano. De raízes italianas e nascido em Alexandria, Marinetti se tornou o principal ideólogo do movimento em que buscou sustentação sobre três bases: o verso livre, a apologia à imaginação e à liberdade das palavras, e a coerência entre a vanguarda e os estatutos oficiais do movimento fascista italiano. Há nesta orientação um ímpeto contra a permanência enquanto categoria ontológica do ser-aí; aquilo que vingaria como a pós-história a partir de Francis Fukuyama já tinha um predecessor no Manifesto Futurista, tendo em vista que o projeto futurista buscava estabelecer uma definitiva ruptura com o passado:

8. Nós estamos sobre o promontório extremo dos séculos! ... Para que olhar para trás, no momento em que é preciso arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós vivemos já no absoluto, já que nós criamos a eterna velocidade onipresente (TELLES, 1986, p. 92).

A caracterização hiperbólica do manifesto permitia a apreensão de um imaginário armado para a guerra, bem como a instauração radical de uma linguagem do “segundo-termo”, ou seja, um processo analógico contínuo que despreza o seu referente, uma espécie de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2019) que não se estabelece em nenhum lugar, mas se cria na indeterminação. No Manifesto Técnico da Literatura Futurista (1912) fica evidente que a destruição da sintaxe implica no fim da mediação entre o escritor e o Universo; questão que nos remete também à outra reflexão:

Todos aqueles que têm pontos de referência no espírito, quero dizer, de um certo lado da cabeça, em bem localizados embasamentos de seus cérebros, todos aqueles que são mestres de sua língua, todos aqueles para quem as palavras têm um sentido, todos aqueles para quem existem altitudes na alma, e correntes no pensamento, aqueles que são espíritos da época, e que nomearam essas correntes de pensamento, eu penso em suas tarefas precisas, e nesse rangido de autômato que espalha aos quatro ventos seu espírito,- são porcos (ARTAUD, 2014, p. 209-210).

Gilles Deleuze em sua *Lógica do Sentido* vai repovoar a batalha entre Lewis Carrol e Antonin Artaud; esta que foi promulgada pelo próprio poeta francês que chegou a ironizar o *Jaberwocky* de Carrol: teria feito do excremento seu objeto poético como um “esnobe inglês, que frisa o obsceno como cachos frisados a ferro quente” (DELEUZE, 2015, p.87). Seguindo a ideia, nada é mais detestável do que a sublimação das marcas de personalidade do autor, daí a palavra-coisa surgir com toda camada de excremento a expor as vísceras da profundidade, e num corpo onde não há superfície. Mas a evidente diferença com o Futurismo de Marinetti é que Artaud acompanha um processo de desterritorialização absoluta, em que não há mais o limiar que marca a fronteira entre mundo da vida e as proposições. Na ausência deste *intermezzo* é que o sentido deixa de se fazer em sua unidade coerente, dando lugar para um conjunto de forças que não podem mais se propor à definição das coisas, e isto porque não existe mais, de um lado as coisas, e do outro, as palavras.

A desterritorialização é princípio da máquina neoliberal, mas também expressa a produção de produção no qual definimos o desejo (DELEUZE; GUATTARI, 2010); mas Marinetti reterritorializa o que apreende como liberdade localizada num jogo obscuro em que as grandes máquinas de guerra são as protagonistas: “E a forte e são Injustiça explodirá radiosamente nos seus olhos. Porque a arte não pode ser senão violência, crueldade e injustiça” (TELLES, 1986, p. 94). Um anarquismo “explosivo” encontra lugar no núcleo do avanço tecnológico; o belicismo velocista, os taques desembocam finalmente nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial: “9. Nós queremos glorificar a guerra – única higiene do mundo – o militarismo, o patriotismo, o gesto destrutor dos anarquistas, as belas ideias que matam, e o menosprezo à mulher.” (TELLES, 1986, p. 92).

Cubofuturismo: vertendo a violência

Na Rússia, a poesia moderna surgiu na “superação” do Simbolismo do século XIX de Blok, Bely e Bal'mont. Em 1912, duas correntes intentaram organizar uma revolução das formas: o acmeísmo, de um lado, se apoiava na precisão das fórmulas poéticas e no fim da musicalidade no texto, enquanto o adamismo, de outro, se fechou na perspectiva ideal da “palavra original”, convertendo a gênese do princípio religioso na busca pela verdade oculta da linguagem. É apenas com o cubofuturismo (como era chamado em Moscou) que a literatura

rusa se orienta pela criação das novas formas de produção de linguagem; Khlébnikov busca pela língua transmental a primazia dos elementos fonéticos da palavra. Com Krutchônikh, o *zaúm* estabeleceu a liberação do sentido sob a fusão das características morfológicas de diversas línguas com o russo: as línguas orientais, africanas, eslavas etc.

O rompimento da “convenção relativa aos signos” (BERARDI, 2019, p.61) se uniria ao rompimento com o estado de coisas vigente nos anos que antecederam a revolução de outubro. Maiakóvski escreve a política a partir do mundo, mas não o retrata como o porta-voz publicitário Marinetti; o imaginário da revolução bolchevista fica marcado pela mediação da luta armada que, situada entre os farrapos do velho mundo e a nova República, estabelece a violência teleológica movida pelo interesse em dirigir a classe à autoconsciência (MARX, 2003). Marinetti trata da velocidade da máquina inumana, Maiakóvski da base humana da revolução:

Nas calçadas pisadas/ de minha alma/ passadas de loucos estalam/ calcâneos de frases ásperas/ onde / forcas/ esganam cidades/ e em nós de nuvens coagulam/ pescoços de torres/ oblíquas/ só/ soluçando eu avanço por vias que se encruz-/ ilham / à vista/ de cruci-/ fixos/ polícias (MAIAKÓVSKI, 1985, p. 65).

É conhecida a carta do poeta da Revolução à Serguei Iessiênin, logo após o seu suicídio em 1925: “[...] Para o júbilo/ o planeta/ está imaturo./ É preciso/ arrancar alegria/ ao futuro./ Nesta vida/ morrer não é difícil./ O difícil/ é a vida e seu ofício.” (MAIAKÓVSKI, 1985, p. 114). O movimento de minar a “contrarreforma” da poesia neorromântica, isto é, da poesia que separava os conteúdos da vida dos conteúdos da política, se dava pela tomada de consciência da impossibilidade dessa distinção à rigor. A invenção da língua deve conceber a integração do sentido ao *continuum* no plano das relações objetivas: “para os futuristas a criação de um apelo à luta contra o tifo e uma poesia de amor constituem apenas aspectos diversos de um mesmo complexo verbal” (TELLES, 1986, p. 125).

Um pouco antes, a morte de Lênin gerou mudanças significativas na estrutura da Nova República: a questão da sucessão tomava sua forma mais radical com a disputa entre os aliados da revolução. Pelos anos seguintes, Leon Trotsky, Lev Karmenev e Grigory Zinoziev seriam expulsos do Partido Comunista; Nikolai Bukhárin se uniria a Joseph Stálin para a consolidação do “Socialismo em um só país”, em que se projetava o reforço das condições internas do país ao invés da internacionalização da causa. Lênin teve em Bukhárin seu favorito à sucessão – ainda que o posicionamento de Bukhárin se aproximasse de um positivismo de esquerda, isto é, de um “materialismo vulgar, intuitivo” (ZANARDO, 1989, p. 64). Como secretário-geral do *Komintern*, Bukharin trabalhou até 1929 quando foi expulso pelo regime stalinista na era em que se daria início à coletivização forçada das propriedades e, conseqüentemente, à fase mais repressiva do estado soviético.

Maiakóvski comete suicídio em 1930, quando o programa de governo da União Soviética reivindicou para si a estética de propaganda do realismo oficial. A frente da revolução organizada na Rússia czarista dá lugar à emergência do progresso técnico; o Partido então passa a funcionar como unidade e mediação que dirige a classe proletária à superação pela subserviência à regra do regime. O movimento cubofuturista deixou o *Bofetada no Gosto Público* (1912) como seu texto mais próximo a um manifesto, sem ainda entrever os efeitos do estabelecimento do novo Estado de controle; culminando mais diretamente no suicídio do poeta da Revolução, e na morte do condenado Osip Mandelstam no *gulag* de Vladivostok.

Antes do fim do futuro

No princípio da razão moderna é que o Esclarecimento é uma “ideologia de imposição” (KURZ, 2010): ele supera a noção de fetichismo da mercadoria, mas, ao se pretender

totalizante, sustenta uma estrutura reificadora e circular da história; condição no qual mesmo o método estruturalista althusseriano se apoiou cindindo o sujeito de sua ação na dimensão histórica. Robert Kurz, filósofo da *Wertkritik*, associa o Iluminismo aos projetos reacionários da modernidade; o projeto burguês de mundo extirpa do seu bojo a “desrazão”, isto é, aquilo que não pode ser cooptado pela instrumentalização ideológica nem a universalização das categorias pela ciência ou pelo direito particular. Essa axiomática (DELEUZE; GUATTARI, 2019) autorreferente da máquina capitalista torna obsoleta a própria crítica à pragmática (de onde derivam a lógica, a sintaxe e a semântica): o que não está no mundo não pode vir ao mundo. Movimento que desfere um duplo efeito; de um lado há uma abertura aos paradigmas deslocados dos antagonismos de referência (eles x nós), de outro, o desmantelamento do valor enquanto correspondência com o tempo objetificado (MARX, 2006).

Tanto do ponto de vista material quanto em termos ideais, o capitalismo aniquila-se a si mesmo ao se fazer triunfante. Quão mais brutalmente essa forma de reprodução convertida em sociedade global devasta o mundo, tanto mais inflige ferimentos a si própria, soterrando sua própria existência. E disso também faz parte o coletivo declínio intelectual das ideologias da modernização rumo a um novo tipo de ignorância e vazio conceitual: direita e esquerda, progresso e reação, liberdade e repressão, justiça e injustiça entram imediatamente em colapso, porque o pensar chegou ao seu fim nas formas atinentes ao sistema produtor de mercadorias (KURZ, 2010, p. 37).

O que Kurz quer esboçar é a teoria de que, assim como Theodor Adorno tratou da ontologia aporética, o mundo pragmático da forma-valor é uma “metafísica realista” (ADORNO, 2009). Tanto a substancialização das formas objetivadas da lógica técnica, dados em suas circularidades conceituais, quanto o aspecto autorreferencial onde tudo deve ser apreendido no seu centro, no seu domínio, se relacionam com a percepção do tempo histórico; passado e futuro se confundem com o presente a-histórico da positividade ilustrada.

Franco Berardi em *Depois do Futuro* coloca o ano de 1977 como a passagem definitiva da utopia da vanguarda futurista à sua realização. A renúncia da regra jurídica e da racionalidade política dão lugar ao automatismo internalizado no homem-máquina; a convenção dos signos é codificada na série tecnológica da bioinformação, e toda a ambiguidade é indeferida no plano absoluto do valor de troca da linguagem. Quatro acontecimentos marcariam o início da transição da máquina externa à máquina interna: a criação da *Apple* (difusão social da infotecnologia); o lançamento de *A informatização da sociedade* de Alain Mina e Simon Nora; o lançamento de *A condição pós-moderna* de Jean-François Lyotard; e a carta de Iúri Andropov que alerta Leonid Brejnev sobre a iminência das novas formas da tecnologia informatizada para uso governamental. Como também aponta Berardi em outro momento, é no mesmo ano que os *Sex Pistols* lançam seu *Never Mind the Bollocks*, cujo lema acerca do desmoronamento do futuro está mais bem difundido na letra de *God Save the Queen*: “Don’t be told and what you want. / Don’t be told and what you need/ There’s no future, no future / No future for you”.

Relações em Blackout: flutuações no pós-tudo

A financeirização da economia implementa um sistema aleatório de valores flutuantes e a emancipação entre o valor e referente. Ocorre em reflexo o surgimento de uma dívida simbólica pela submissão da comunicação social à cadeia algorítmica da sobrecodificação virtualizada: “Códigos são ferramentas para submeter o futuro à linguagem, o que foi possibilitado pela inscrição de algoritmos dessa mesma linguagem.” (BERARDI, 2020, p. 147). Isso significa dizer que um novo processo de normalização se estabelece sob partenogênese: o capitalismo industrial que no futurismo encontrava sua melhor expressão (primeiro a nível apologético, no caso de Marinetti, segundo na ideia da apropriação da técnica pela revolução,

no caso de Maiakóvski), agora se torna semiocapitalismo. Com o fim do Sistema *Bretton Woods* de gerenciamento econômico internacional, também o fim da relação fixa entre as moedas, de modo que o dólar passa à sua autodeterminação em estado livre.

O espaço é uma máquina de sentido (GUATTARI, 1992) e que, portanto, permite o reconhecimento do sujeito nas relações contínuas que ele sintetiza com o meio; mas há um não-senso onde o espaço não encontra seu ocupante. Com a primazia da *tekné*, o espaço digital cria “[...] um campo magnético do código, com polarizações, difrações e gravitações de modelos [...]” (BAUDRILLARD, 1996, p.93). O significante já desprovido de seu significado arbitrário, também não encontra outras margens para estabelecer sua ligação com o mundo concreto. Neste sentido, o semiocapitalismo oferece a desterritorialização absoluta que mencionamos em Artaud; dessa vez a máquina de guerra não encontra sua trincheira, mas deve falar através de uma violenta recusa da abstração no novo regime. A busca pelo sentido encontra a busca pela origem do sentido: pátria, família, deus, hierarquia, ascendência etc. É na reterritorialização que a subjetividade encontra seu refúgio contra a esquizofrenia que assombra o pensamento das coletividades individuais, mas é nesta aposta que surge a idealidade do acontecimento (DELEUZE, 2015) e, conseqüentemente, o fantasma de grupo que circunda a “normalidade”.

O destino, isto é, o vínculo que o futuro impessoal faz com a efetuação do tempo objetivado, está em suspensão a partir do momento em que o presente está comprometido com a destruição de todos os projetos para a efetivação de um único em vigor, o surgimento de uma aldeia global hiper-realista:

Se o capitalismo é a verdade universal, ele o é no sentido em que é o negativo de todas as formações sociais; ele é a coisa, o inominável, a descodificação generalizada dos fluxos que permite compreender ao contrário o segredo de todas essas formações; antes codificar os fluxos ou até mesmo sobrecodificá-los, do que deixar que algo escape à codificação (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 204).

Quando Deleuze e Guattari falam de inconsciente maquínico, ou seja, um inconsciente que opera como uma usina, e que não é meramente expressivo ou representativo, estão tratando de pensar a subjetividade como uma questão de funcionamento e de uso. Máquinas são acoplamentos “com regra binária ou regime associativo; sempre uma máquina acoplada a outra.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16); mas o registro deste processo de produção é dado pela sociedade. A produção de produção da máquina desejante é substituída por uma produção de registro, de modo que os esquemas de conexão associativa ficam à mercê da regra. Um corpo organizado (onde impera a estratificação totalizante) se torna o objeto por excelência da forma circular de produção: “É no nível dos fluxos, e dos fluxos monetários, não no nível da ideologia, que se faz a integração do desejo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 318).

O desejo não é nunca uma força indiferenciada, mas inseparável dos agenciamentos complexos da coletividade e dos níveis molares. O futurismo italiano pensava numa “imaginação sem fios” (TELLES, 1986, p. 98) em que os fluxos pudessem participar de uma grande máquina de extração que rebentasse o domínio do século XIX sobre o novo século. Há uma diferença entre conexão e conjugação destes fluxos: o primeiro é o modo como os fluxos livres são lançados uns pelos outros e criam suas fugas em comum; o segundo indica o ponto de acumulação que obstrui as linhas de fuga, isto é, uma reterritorialização geral. O Estado totalitário busca desligar as linhas de fuga, mas o sonho fascista do futurismo se construiu sobre uma linha de fuga intensa e a transformando em absoluta destruição, em niilismo.

Na distopia de “Um Canto para Leibowitz” de Walter Miller Jr., um grupo de sacerdotes quer reestabelecer a história de seu mundo enigmático com o fim do Velho Mundo pelo “dilúvio de fogo”; referência à guerra nuclear que exterminaria quase inteiramente a população humana do planeta. A memória da humanidade se torna um segredo do deserto a ser reconectado à sua fonte mítica; mas a lacuna deixada pelo esquecimento do real passado gera uma questão

interpretativa sobre o futuro: de que maneira este futuro realizado é fruto do paraíso industrial que, ao menos idealmente, o concebeu? E de que maneira ele, renegando o berço histórico, se torna uma potência autônoma que fratura a percepção humana de tempo, isto é, a vida concreta?

Conclusão

O Futurismo e o Cubofuturismo são correntes facilmente diferenciáveis em suas leituras de mundo, mas é a partir deles que outros movimentos de vanguarda (Espiritonovismo de Appolinaire, Surrealismo de Breton, Dadaísmo de Tzara, Antropofagia de Oswald, etc) puderam conceber a modernidade sobre o signo da transformação. Vê-se que o otimismo destas primeiras incursões artísticas do século não teve a continuação imaginada pelos demais movimentos que contemplaram as consequências da crise de 1929, da segunda guerra mundial, e do esfacelamento da concepção humanista de vida; mas é ainda sobre eles, os movimentos, que o futuro se apresenta como coisa próxima, como realização.

A duplicação do real pela hiper-simulação (BAUDRILLARD, 1996) desfaz do imaginário futurista a noção de progresso técnico pela grande máquina externa: a máquina é interiorizada no homem e o mundo concreto se converte num desmanche generalizado, já que nada mais está em relação ao homem, mas apenas reflete seus fragmentos. A distopia hostil do futuro realizado encaminha o pensamento para sua efetivação na linguagem codificada, e o que escapa ao novo Esclarecimento não pode realmente ter existência na forma-valor. Virá na *Bofetada no gosto público*: “Quem não souber esquecer o primeiro amor não conhecerá mais o último” (TELLES, 1986, p. 127); o homem-máquina do ciberespaço está situado entre o primeiro e o último flerte num abismo inescapável, e sem esperança de precipitar um horizonte outro.

DEUS EX MACHINA: FROM WARLIKE MODERNITY TO MAN-MACHINE

ABSTRACT: The technical imagination in the avant-garde supports different conceptions, but it is with the end of modernity that it reaches its most radical level. This work outlines a path between two movements from the beginning of the last century, futurism and cubofuturism, until the moment of the internalization of the machine by the virtualization of the economy in the neoliberalism of the seventies.

Keywords: Futurism. Avant-garde. Technique. Politics. Digital.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

ARTAUD, Antonin. *Linguagem e vida*. Tradução J. Guinsburg, Silvia Fernandes, Regina Correa Rocha e Maria Lúcia Pereira. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Loyola, 1995.

BERARDI, Franco. *Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2020.

_____. *Depois do Futuro*. São Paulo: Ubu, 2019.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 5. ed. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015

_____; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. 2. ed. São Paulo: 34, 2019. v. 4.

_____; _____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2010.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34, 1992.

KURZ, Robert. *Razão sangrenta: ensaios sobre a crítica emancipatória da modernidade capitalista e de seus valores ocidentais*. São Paulo: Hedra, 2010.

LUKÁCS, György. *Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971*. Tradução Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

MAIAKÓVSKI, Vladimir. *Poemas*. Tradução Boris Schnaiderman, Augusto de Campos e Haroldo de Campos. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I*. Tradução Reginaldo Sant'Anna. 23. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MARX, K; ENGELS, F. *A sagrada família*. São Paulo, Boitempo. 2003

SISCAR, Marcos. O tombeau das vanguardas: a "pluralização das poéticas possíveis" como paradigma contemporâneo. In: _____. *De volta ao fim: o "fim das vanguardas" como questão da poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: 7 Letras / Faperj, 2016.

TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

ZANARDO, Aldo. O manual de Bukhárin visto pelos comunistas alemães e por Gramsci. In: LENIN et al. *Bukhárin, Teórico Marxista*. Tradução Antonio Roberto Bertelli. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989. p. 53-81.

Data de submissão: 30/05/2022

Data de aceite: 08/08/2022